

CIÊNCIAS SOCIALMENTE APLICÁVEIS:

INTEGRANDO SABERES E ABRINDO CAMINHOS

JORGE JOSÉ MARTINS RODRIGUES
MARIA AMÉLIA MARQUES

(Organizadores)

VOL VII



EDITORA
ARTEMIS

2022

CIÊNCIAS SOCIALMENTE APLICÁVEIS:

INTEGRANDO SABERES E
ABRINDO CAMINHOS

JORGE JOSÉ MARTINS RODRIGUES
MARIA AMÉLIA MARQUES

(Organizadores)

VOL VII



EDITORA
ARTEMIS

2022



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M. ^a Bruna Bejarano
Diagramação	Elisângela Abreu
Organizadores	Prof. Dr. Jorge José Martins Rodrigues Prof. ^a Dr. ^a Maria Amélia Marques
Imagem da Capa	ciempies
Bibliotecário	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof.^a Dr.^a Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Ana Júlia Viamonte, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^a Dr.^a Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuato*, México
Prof.^a Dr.^a Cláudia Padovesi Fonseca, Universidade de Brasília-DF
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Dina Maria Martins Ferreira, Universidade Estadual do Ceará
Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima, Brasil
Prof.^a Dr.^a Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México



Prof.^ª Dr.^ª Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina*
Prof.^ª Dr.^ª Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca, Espanha*
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República, Uruguay*
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara, México*
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona, Espanha*
Prof.^ª Dr.^ª Gabriela Gonçalves, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis, Argentina*
Prof.^ª Dr.^ª Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*
Prof. Dr. Håkan Karlsson, *University of Gothenburg, Suécia*
Prof.^ª Dr.^ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura, Peru*
Prof.^ª Dr.^ª Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío, Chile*
Prof.^ª Dr.^ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas, Brasil
Prof. Me. Javier Antonio Alborno, *University of Miami and Miami Dade College, Estados Unidos*
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha, Espanha*
Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, Universidade de Évora, Portugal
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros, Brasil
Prof. Dr. Jorge Ernesto Bartolucci, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*
Prof. Dr. José Cortez Godinez, Universidad Autónoma de Baja California, México
Prof. Dr. Juan Carlos Cancino Diaz, Instituto Politécnico Nacional, México
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid, Espanha*
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia*
Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez-Yáñez, *Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, México*
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo, Brasil
Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*
Prof.^ª Dr.^ª Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodríguez, *Universidad Santiago de Compostela, Espanha*
Prof.^ª Dr.^ª Márcia de Souza Luz Freitas, Universidade Federal de Itajubá, Brasil
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Mar Garrido Román, *Universidad de Granada, Espanha*
Prof.^ª Dr.^ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I, Espanha*
Prof.^ª Dr.^ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^ª Dr.^ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal

Prof.ª Dr.ª Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana*, Cuba
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Prof. Dr. Osbaldo Turpo-Gebera, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa*, Peru
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia, Brasil
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará, Brasil
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof.ª Dr.ª Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Solange Kazumi Sakata, Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares. Universidade de São Paulo (USP), Brasil
Prof.ª Dr.ª Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
Prof.ª Dr.ª Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa, Brasil
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
Prof.ª Dr.ª Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca*, Colômbia

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C569 Ciências socialmente aplicáveis [livro eletrônico] : integrando saberes e abrindo caminhos: vol. VII / Organizadores Jorge José Martins Rodrigues, Maria Amélia Marques. – Curitiba, PR: Artemis, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

Edição bilíngue

ISBN 978-65-87396-72-9

DOI 10.37572/EdArt_171222729

1. Ciências sociais aplicadas – Pesquisa – Brasil. 2. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. I. Rodrigues, Jorge José Martins. II. Marques, Maria Amélia.

CDD 307

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



APRESENTAÇÃO

O sétimo volume desta coleção continua a tradição de ser um livro de temáticas emergentes interdisciplinares e transdisciplinares no campo das ciências sociais aplicadas. Interdisciplinares porque cruzam várias disciplinas do saber e transdisciplinares pela diversidade de campos do conhecimento abrangidos.

À semelhança dos anteriores volumes, a metodologia seguida na organização deste volume, podendo ser discutível, privilegiou a relevância e atualidade dos artigos, o recurso a diferentes metodologias e técnicas de investigação em ciências sociais aplicadas; o estudo de casos internacionais e nacionais, bem como a multidisciplinaridade dos estudos.

Nesse quadro, o presente volume tem como tema Saúde, Cultura e Consumo e encontra-se em torno de quatro eixos: Saúde, Cultura, Finanças e Distribuição. Na construção da estrutura de cada eixo procurou-se seguir uma lógica em que cada artigo possa contribuir para uma melhor compreensão do artigo seguinte, gerando-se um fluxo de conhecimento acumulado que se pretende fluido e em espiral crescente.

Assim, a Saúde agrupa um conjunto de cinco artigos que se preocupam com o tema. A saúde é um bem comum transversal às sociedades, o que permite movimentos transnacionais dos pacientes, seja por motivos de esperança média de vida, tratamentos específicos geograficamente localizados ou experiências forçadas devido a pandemias.

A Cultura junta sete artigos relacionados. A cultura é um património imaterial das sociedades, que permite compreender os povos, sendo o resultado de paz e ações passadas e repensadas por aqueles, com implicações nas relações internacionais, culturais, patrimoniais, etnográficas e de trabalho, com impacto na economia dos países.

As Finanças juntam um conjunto de cinco artigos. Os projectos de investimento, na óptica puramente financeira deverão ser rentáveis. Esta avaliação privilegia os esforços efectuados em investigação, inovação e *design*, na geração de fluxos de tesouraria, sob pena de as organizações criadas entrarem em falência antes do termo do mesmo.

A Distribuição junta um conjunto de quatro artigos que exploram o estímulo ao consumo. Este estímulo passa pela publicidade e pelo uso de novas tecnologias, o que gera novas soluções para os canais de distribuição com impacto na economia.

Com a disponibilização deste livro e seus artigos esperamos que os mesmos gerem inquietude intelectual e curiosidade científica, procurando a satisfação de novas necessidades e descobertas, motor de todas as fontes de inovação.

Jorge Rodrigues, ISCAL/IPL, Portugal
Maria Amélia Marques, ESCE/IPS, Portugal

SUMÁRIO

SAÚDE, CULTURA E CONSUMO: DESAFIOS PARA A SUSTENTABILIDADE

SAÚDE

CAPÍTULO 1..... 1

EXPERIENCIAS DEL CONFINAMIENTO ENTRE JÓVENES UNIVERSITARIOS: LOS EFECTOS EMOCIONALES Y SOCIALES DE UN AÑO DE ENCIERRO POR LA PANDEMIA DE COVID-19

José Guadalupe Rivera González

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1712227291

CAPÍTULO 2..... 29

LÍTIO – UMA HISTÓRIA DESDE A GOTA À PSIQUIATRIA

Joaquim José Oliveira de Sá Couto

Joana Filipa Cavaco Rodrigues

Bruno Afonso da Luz

Tiago Ventura Gil Pereira

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1712227292

CAPÍTULO 3..... 35

DESASTRE DEMOGRÁFICO EN PERÚ OCASIONADO POR EL COVID-19

Luis Alberto Meza Santa Cruz

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1712227293

CAPÍTULO 4..... 50

CENTRO INTEGRAL DE AYUDA PARA LA MUJER MALTRATADA EN TEPIC, NAYARIT, MEXICO

Bertha Alicia Arvizu López

Rosalva Enciso Arámbula

Gabriel Zepeda Martínez

Juana Evangelina Duarte Reynoso

Nicolás Daniel Lora Ledón

Mayra Elena Fonseca Avalos

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1712227294

CAPÍTULO 5..... 69

ESTUDOS DE CASO COM APLICAÇÃO DO MODELO DINÂMICO DE AVALIAÇÃO E INTERVENÇÃO FAMILIAR

Dora Margarida Ribeiro Machado

Maria Cristina Pinto Mendes

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1712227295

CULTURA

CAPÍTULO 6..... 83

DISCURSOS DE PAZ DEL NOBEL JUAN MANUEL SANTOS

Liliana Gómez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1712227296

CAPÍTULO 7 100

PENSAMENTO, CRIAÇÃO ARTÍSTICA E CRIAÇÃO HUMANA

António Manuel Rodrigues Oliveira

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1712227297

CAPÍTULO 8.....107

ECONOMÍA Y GEOPOLÍTICA: LA RELACIÓN ENTRE CHINA Y ASIA CENTRAL

Javier Fernando Luchetti

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1712227298

CAPÍTULO 9..... 120

TOWARDS REGENERATIVE CULTURES AND METANARRATIVES IN GIRONA: A TRANSITION NARRATIVE-DESIGN CASE STUDY

Jan Ferrer i Picó

Bas van den Berg

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1712227299

CAPÍTULO 10.....139

IMAGEN DE VALPARAÍSO, PATRIMONIO DE INMIGRANTES DEL SIGLO XIX Y PRINCIPIOS DEL XX

Hernán Alejandro Elgueta Strange

 https://doi.org/10.37572/EdArt_17122272910

CAPÍTULO 11.....147

INDIGENAS EN LA CARCEL: LA ARAÑA TEJIENDO SU RED

Enrique Hugo García Valencia

 https://doi.org/10.37572/EdArt_17122272911

CAPÍTULO 12 166

TRABAJO DOMÉSTICO Y SU IMPACTO EN LA ECONOMÍA MEXICANA

Noemi Alejandra Armenta Sevilla

Gabriel Tapia Tovar

Melissa R. Melgarejo Valdéz

Ramiro González Asta

 https://doi.org/10.37572/EdArt_17122272912

FINANÇAS

CAPÍTULO 13.....175

EL FLUJO DE CAJA COMO HERRAMIENTA PARA LOS PROYECTOS DE INVERSIÓN

Pablo Edison Ávila Ramírez

Alexandra Auxiliadora Mendoza Vera

Martha Margarita Minaya Macías

Rubén Hernán Andrade Álvarez

Angélica María Indacochea Vásquez

Gina Gabriela Loor Moreira

Janeth Virginia Intriago Vera

Tito Alexander Cedeño Loor

Jhonny Antonio Ávila Ramírez

Henry Marcelino Pinargote Pinargote

Luis Andrey Aguilar Tapia

Milton Geovanny Zambrano Rivera

 https://doi.org/10.37572/EdArt_17122272913

CAPÍTULO 14..... 189

GENERADOR BINARIO PSEUDOALEATORIO, FORMADO POR LA COMBINACIÓN DE REGISTROS DE DESPLAZAMIENTO CON RETROALIMENTACIÓN NO LINEAL

Andrés Francisco Farías

Germán Antonio Montejano

Ana Gabriela Garis

Pablo Marcelo García
Andrés Alejandro Farías

 https://doi.org/10.37572/EdArt_17122272914

CAPÍTULO 15.....204

PROJETO DE MICROTURBINAS EÓLICAS: OPORTUNIDADES E DESAFIOS

Silvana dos Santos Ramos
Luis Henrique Alves Candido

 https://doi.org/10.37572/EdArt_17122272915

CAPÍTULO 16.....217

VALORES CRÍTICOS DE POLINOMIOS HOMOGÊNEOS DE GRADO TRES SOBRE LA
ESFERA UNIDAD

Julio Cesar Barros
Victoria Navarro

 https://doi.org/10.37572/EdArt_17122272916

CAPÍTULO 17229

FALÊNCIA EMPRESARIAL, ANÁLISE DISCRIMINANTE E SCORING - UMA VISÃO
GERAL

Cândido Jorge Peres Moreira
Mário Alexandre Guerreiro Antão
Domingos Custódio Cristóvão
Hélio Miguel Gomes Marques
Pedro Miguel Baptista Pinheiro
João Manuel Afonso Geraldês
Catarina Carvalho Terrinca

 https://doi.org/10.37572/EdArt_17122272917

DISTRIBUIÇÃO

CAPÍTULO 18.....247

ESTÍMULO AO CONSUMO: UMA INCITAÇÃO PUBLICITÁRIA COM TRAÇOS
INVEJOSOS NO COMPORTAMENTO HUMANO

Karen Muzany
Janaina Vieira de Paula Jordão

 https://doi.org/10.37572/EdArt_17122272918

CAPÍTULO 19258

THE ROLE OF MOBILE BANKING IN THE NEW DIGITAL FINANCIAL FRAMEWORK: A LITERATURE REVIEW

Maria Cristina Quirici

 https://doi.org/10.37572/EdArt_17122272919

CAPÍTULO 20 276

EXPLORING PHYSICAL STORES IN OMNICHANNEL RETAIL STRATEGY. HOW INTERACTION DESIGN IS CHANGING IN-STORE BEHAVIOR

Francesca Fontana

Manuel Scortichini

 https://doi.org/10.37572/EdArt_17122272920

CAPÍTULO 21288

THE IMPACT OF ECONOMIC POLICY UNCERTAINTY ON UNEMPLOYMENT IN THE UNITED STATES

Dejan Romih

Amir Fekrazad

 https://doi.org/10.37572/EdArt_17122272921

SOBRE OS ORGANIZADORES303

ÍNDICE REMISSIVO 304

CAPÍTULO 8

ECONOMÍA Y GEOPOLÍTICA: LA RELACIÓN ENTRE CHINA Y ASIA CENTRAL

Data de submissão: 20/10/2022

Data de aceite: 04/11/2022

Mg. Javier Fernando Luchetti¹
Facultad de Ciencias Humanas
Universidad Nacional del Centro
de la Provincia de Buenos Aires
Argentina

RESUMEN: En el siguiente artículo, se puede observar que China tiene los siguientes objetivos en Asia Central: salvaguardar su seguridad económica y militar en la zona; avanzar con la protección de oleoductos y gasoductos por posibles ataques terroristas o separatistas para garantizar el abastecimiento de petróleo y gas; vigilar y controlar mejor su frontera occidental; asegurar un mercado para sus productos manufacturados y para las inversiones en infraestructura; penetrar en la zona para evitar la injerencia de Estados Unidos y de la Unión Europea; mostrar que ejerce un poder “blando” (soft power) en el escenario internacional en contraposición con los estadounidenses. Asimismo, al ser un espacio estratégico natural para la conexión con Europa, la posibilidad de inestabilidad política por los separatismos, el terrorismo,

el tráfico de drogas, el crimen organizado y la piratería, hacen de Asia Central una zona de alto valor geoestratégico ante Estados Unidos, India y Rusia, aunque éste último sea aliado de China en el grupo BRICS (Brasil, Rusia, India, China, Sudáfrica), pero que a veces se comporta como un competidor en una zona que tradicionalmente ha tenido la presencia rusa, especialmente en la época de la Unión de las Repúblicas Socialistas Soviéticas.

PALABRAS CLAVE: China. Asia Central. Geopolítica. Economía.

ECONOMY AND GEOPOLITICS: THE RELATIONSHIP BETWEEN CHINA AND CENTRAL ASIA

ABSTRACT: In the following article, it can be seen that China has the following objectives in Central Asia: to safeguard its economic and military security in the area; advance with the protection of oil and gas pipelines from possible terrorist or separatist attacks to guarantee the supply of oil and gas; better monitor and control its western border; ensure a market for its manufactured products and for investments in infrastructure; enter the area to avoid interference from the United States and the European Union; show that it exercises a “soft” power (soft power) on the international stage as opposed to the Americans. Also, being a natural strategic space for connection with Europe, the possibility of political instability due to separatism, terrorism, drug trafficking,

¹ Profesor de Geografía e Historia. Licenciado em História. Magister em Relaciones Internacionales.

organized crime and piracy, make Central Asia an area of high geostrategic value to the United States. United States, India and Russia, although the latter is an ally of China in the BRICS group (Brazil, Russia, India, China, South Africa), but sometimes behaves as a competitor in an area that has traditionally had a Russian presence, especially at the time of the Union of Soviet Socialist Republics.

KEYWORDS: China. Central Asia. Geopolitics. Economy.

1 INTRODUCCIÓN

Para comenzar a hablar de la Ruta de la Seda, conviene hacer un poco de historia. En el siglo I AC (Antes de Cristo), se encontraron en lo que actualmente es Uzbekistán, los chinos y los griegos, estableciéndose lo que posteriormente se llamaría la Ruta de la Seda. Esta ruta (en realidad una red de rutas comerciales) transitada por los mercaderes del siglo I en adelante, conectaba China con las zonas de Asia Central, Persia, Arabia, Turquía, Europa y África. El nombre se originó por ser la seda el producto principal comercializado, más deseado en occidente y que se importaba de China.

De todas maneras, no hay que pensar en un intercambio continuo y permanente debido a las grandes distancias que planteaban dificultades como el clima cálido o frío, el hambre, los robos, la inestabilidad política y los asesinatos. Ni tampoco hay que creer que solo la seda recorría esos caminos, sino también migrantes, refugiados, comerciantes que llevaban consigo especias como la pimienta, animales exóticos, oro, plata, papel, pólvora, herramientas, cultivos o alguna tecnología que luego se usaría en otra zona:

“En su vertiente mercantil, la Ruta de la Seda era una red de comercio de proximidad y a pequeña escala, con mercancías pasando de unos comerciantes a otros en los mercados y centros de intercambio que trufaban el trayecto. En uno y otro sentido circulaban alimentos y animales, especias, materiales, cerámica, artesanía, joyas y piedras preciosas. Y aunque su nombre sugiera lo contrario, la seda no era la principal mercancía. Es más, nunca recibió esta denominación durante los casi 1400 años que la Ruta de la Seda se mantuvo operativa. El nombre fue acuñado siglos después, en 1877, por el geógrafo alemán Ferdinand von Richthofen, debido a que este era el producto más valorado y apreciado entre los nobles y dignatarios del Imperio Romano” (<https://www.bbvaopenmind.com/tecnologia/innovacion/la-ruta-de-la-seda-la-via-para-el-intercambio-tecnologico-que-configuro-el-mundo-moderno/> consultado 21/7/2021).

El intercambio se hizo más usual hacia el siglo II AC, cuando los chinos percibieron que podían beneficiarse de la ruta comercial con occidente. El encuentro entre los griegos y los chinos en el siglo IV AC, gracias a las conquistas militares de Alejandro Magno que construyó un imperio desde Grecia hasta el norte de India, significó una mayor conexión entre el mundo del extremo oriente y la zona del Mar Mediterráneo.

Durante los siglos VII y VIII DC (después de Cristo) fueron los musulmanes quienes tenían el control de la ruta y llevaron la fabricación de la seda a al-Ándalus (actualmente

España), y pasando luego a la península italiana y posteriormente al resto de Europa. La ruta entró en el ocaso tras la caída del imperio mongol, siglo XIV, por lo que se exploraron nuevas rutas marítimas rodeando el continente africano y navegando hacia el oeste, como lo hizo Cristóbal Colón con la esperanza de encontrar las costas chinas.

Mucho más adelante en el tiempo en el siglo XX, luego de la caída de la Unión de las Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), la cuenca del Mar Caspio y la zona geográfica de Asia Central, se dividió entre varios países: Armenia, Azerbaiyán, Georgia, Kazajistán, Kirguistán, Tayikistán, Turkmenistán, Uzbekistán, Irán y Rusia. Hasta 1991, Moscú manejaba la exploración, explotación y exportación de gas y petróleo en la zona, tomando decisiones también sobre los gasoductos, oleoductos y refinerías.

Pero esto cambió luego del desmembramiento de la URSS, lo que fue aprovechado por compañías occidentales, de Japón y China, especialmente en el caso de los principales productores: Azerbaiyán, Kazajistán, Turkmenistán y Uzbekistán. Azerbaiyán y Kazajistán presentaban mayor interés por el petróleo y el gas, mientras que Turkmenistán y Uzbekistán por el gas.

Los estadounidenses a principios de este siglo junto con los rusos fueron los que más se interesaron en la zona, tratando que los gobiernos de esos países firmaran acuerdos con las multinacionales norteamericanas y con empresas estatales rusas como Gazprom y Rosneft. La presencia de la República Popular China comenzó en la década de los años noventa del siglo pasado, cuando su principal preocupación eran los musulmanes uigures que viven en su frontera occidental. China quería evitar contacto de los uigures con cualquier país de Asia Central que pudiera apoyar intentos separatistas de la región donde vive esta minoría étnica en China.

China junto con otros países crea en el 2001, la Organización de Cooperación de Shanghai (OCS), una organización internacional intergubernamental permanente para garantizar la seguridad y la estabilidad y beneficiar el comercio, formada por la República de Kazajistán, la República Popular de China, la República de Kirguistán, la Federación Rusa, la República de Tayikistán y República de Uzbekistán. Posteriormente se sumaron India y Pakistán. Mientras Rusia incrementaba su posición militar, China aumentaba su influencia por métodos económicos y diplomáticos. Los objetivos de la OCS son los siguientes:

“fortalecer la confianza mutua y la vecindad entre los estados miembros; promover su cooperación efectiva en política, comercio, economía, investigación, tecnología y cultura, así como en educación, energía, transporte, turismo, protección ambiental y otras áreas; realizar esfuerzos conjuntos para mantener y garantizar la paz, la seguridad y la estabilidad en la región; y avanzar hacia el establecimiento de un nuevo orden político y económico internacional democrático, justo y racional (http://eng.sectsc.org/about_sco/ consultado 20/7/2021).

Esta aproximación China a la zona es justamente el objetivo de este trabajo, es decir, analizar las razones económicas y geopolíticas que impulsaron al gobierno chino a realizar acuerdos con los países de Asia Central, Kazajistán, Kirguistán, Tayikistán, Turkmenistán, Uzbekistán. Dos motivos principales surgen en primera instancia:

“El primero es la geografía. Como los Estados de Asia central están situados en la periferia de China, sus reservas de petróleo y gas pueden enviarse directamente a territorio chino y luego transportarse mediante oleoductos domésticos a las áreas urbanas e industriales por todo el país. Aunque las distancias son considerables, aún existe un atractivo evidente en la proximidad relativa. (...) Otro motivo específico de la zona del Caspio es la seguridad energética” (Klare, Michael. (2008). Planeta sediento. Recursos menguantes. La nueva geopolítica de la energía. Barcelona. Ediciones Urano, pp. 191-192).

2 CHINA Y SU EXPANSIÓN HACIA EL OCCIDENTE

La rivalidad geopolítica en la zona de Asia Central entre Rusia, la Unión Europea, Estados Unidos y China, es decir, los intereses encontrados de esas potencias por los recursos energéticos (gas y petróleo), más las instalaciones y la infraestructura, ha significado buscar ventajas económicas y geopolíticas desde el siglo XIX hasta el XXI. Pekín desde principios de este siglo incrementó su presencia en la zona vendiendo armamento y tecnología militar, como hemos mencionado anteriormente por motivos de seguridad nacional:

“La provincia más occidental del país, que es la Región Autónoma Uigur de Sinkiang (Xinjiang), se proyecta directamente hacia el corazón del Asia central y así queda expuesta a todos los disturbios y al descontento que atormentan a esa zona. Preocupa mucho a Pekín el movimiento separatista uigur de Sinkiang, una insurgencia de baja intensidad a cargo de los partidarios de un estado uigur independiente” (Klare, Michael. (2006). Sangre y petróleo. Peligros y consecuencias de la dependencia del crudo. Barcelona. Ediciones Urano, p. 243).

Sin embargo, esta cuestión geopolítica se complementó con la dependencia energética china. A pesar de los recursos de carbón, hidroeléctricos, petrolíferos y gasíferos, China se vio cada vez más expuesta a importar energéticos para abastecer la creciente demanda por el aumento de la población y de la producción industrial. Si bien no es la única zona de la que esperan importar energéticos, es la que tienen más cerca geográficamente:

“El indicio más obvio de la irrupción de China en el sistema energético global son las inversiones (o los acuerdos comerciales con) en empresas energéticas extranjeras radicadas en las zonas productoras principales, especialmente en el golfo Pérsico, el norte de África y la cuenca del Caspio. Para forjar esos acuerdos China ha utilizado sus tres grandes compañías petroleras estatales, China National Petroleum Corporation (CNPC), China National Petrochemical Corporation (Sinopec) y China National Offshore Oil Corporation (CNOOC)” (ibidem, pp. 252-253).

Varios siglos después, re significando la Ruta de la Seda, en el año 2013, el presidente de la República Popular China, Xi Jinping, realizó un anuncio que marcaba la agenda de las relaciones económicas internacionales tanto en Asia, como en África: el proyecto de la creación de una “Nueva Franja económica de la ruta de la Seda” y la “Ruta marítima de la Seda del siglo XXI”. Si bien al principio eran dos iniciativas independientes, las mismas se fusionaron en el 2015, para convertirse en “La Iniciativa de la Franja y la Ruta” o BRI (en inglés, Belt and Road Initiative):

“La iniciativa contempla la construcción de seis importantes corredores de cooperación económica y varios puntos de articulación marítima clave a lo largo de Eurasia, principalmente a través de infraestructura vial, ferroviaria, portuaria y de energía. En tierra, el plan es construir un nuevo puente terrestre euroasiático y desarrollar los corredores económicos de: China-Mongolia-Rusia; China-Asia Central-Asia Occidental; China-península de Indochina; China-Paquistán; y Bangladesh-China-India-Myanmar. En los mares, la iniciativa se centrará en la construcción de importantes puertos marítimos en toda Asia, Europa y África para garantizar un sistema de transporte efectivo” (Simonov, Eugene & Withanage, Hemantha. (2020). Documento informativo sobre la Iniciativa de la Franja y la Ruta. Ámsterdam. Friends of the Earth Asia Pacific, p. 4, recuperado de <https://www.foei.org/wp-content/uploads/2020/10/foe-belt-and-road-briefing-ES-WEB.pdf> consultado 20/7/2021).

El 7 de septiembre del año 2013, el presidente de la República Popular China, Xi Jinping, en la Universidad Nazarbayev ubicada en la capital de Kazajstán, Astaná (actualmente Nur-Sultan), acompañado por el presidente kazajo, Nursultan Nazarbayev, brindó un discurso titulado “Promover la amistad entre pueblos y crear un futuro mejor”. En ese discurso, el presidente chino manifestó que deseaba tener una excelente relación con los países de Asia Central, a través de la cooperación y el desarrollo en común, para crear un cinturón económico en la denominada Ruta de la Seda, para beneficio de los pueblos de los países que la atravesaban:

“Xi Jinping planteó las siguientes propuestas: mantener la amistad de generación en generación y ser buenos vecinos armoniosos entre sí. China respeta el camino del desarrollo, así como las políticas internas y externas que los pueblos de Asia central han elegido de forma independiente para sí mismos. China nunca intervendrá en los asuntos internos de los países de Asia Central, ni buscará liderazgo en asuntos regionales ni operará esferas de influencia. Fortalecer el apoyo mutuo y ser buenos amigos con sinceridad y confianza mutua. En las cuestiones relativas a los principales intereses fundamentales, incluida la soberanía del Estado, la integridad territorial, la seguridad y la estabilidad, debemos apoyarnos firmemente unos a otros y hacer esfuerzos conjuntos para acabar con las “tres fuerzas del mal” del terrorismo, el extremismo y el separatismo, también como narcotráfico, crimen organizado transnacional. (...).

Xi Jinping propuso que para que los lazos económicos sean más estrechos, la cooperación mutua sea más profunda y el espacio de desarrollo más amplio entre los países euroasiáticos, podemos innovar el modo de cooperación y construir conjuntamente el “Cinturón Económico de la Ruta de la Seda” paso a paso para

formar gradualmente en general, cooperación regional. Primero, fortalecer la comunicación de políticas. Los países de la región pueden comunicarse entre sí sobre estrategias de desarrollo económico y elaborar planes y medidas de cooperación regional a través de consultas. En segundo lugar, mejorar la conectividad vial. Abrir el canal de transporte del Pacífico al Mar Báltico y formar gradualmente una red de transporte que conecte Asia Oriental, Asia Occidental y Asia Meridional. En tercer lugar, promover la facilitación del comercio. Todas las partes deben discutir las cuestiones relativas a la facilitación del comercio y las inversiones y hacer los arreglos necesarios. Cuarto, mejorar la circulación monetaria. Todas las partes deben promover la realización del cambio y la liquidación de la moneda local, aumentar la capacidad de defenderse de los riesgos financieros y hacer que la región sea más competitiva económicamente en el mundo. En quinto lugar, fortalecer los intercambios entre personas. Todas las partes deben fortalecer los intercambios amistosos entre sus pueblos para promover el entendimiento y la amistad entre ellos” (https://www.fmprc.gov.cn/mfa_eng/topics_665678/xjptfwzysiesgjtfhshzzfh_665686/t1076334.shtml consultado 22/7/2021).

El proyecto comprende la construcción de rutas, autopistas, puentes, oleoductos, gasoductos, centrales eléctricas e instalaciones marítimas, tanto para la ruta marítima como para la terrestre. En el primer aspecto se prevé una ruta a través del Mar de China Meridional y el Océano Índico y por otro lado a través del Océano Pacífico Sur, conectando Oceanía, África y Europa:

“Una Franja y Una Ruta” atraviesan los continentes asiático, europeo y africano. En un extremo se encuentra el Área Económica del Asia Oriental, activa, en el otro, el Área Económica Europea, desarrollada y entre ambas se extienden vastos territorios interiores con un enorme potencial de desarrollo económico. La Franja Económica a lo largo de la Ruta de la Seda tiene como prioridad hacer fluida la conexión entre China y Europa (mar Báltico) vía Asia Central y Rusia; entre China y el golfo Pérsico y el mar Mediterráneo, vía Asia Central y Asia Occidental; entre China y Asia Suroriental, Asia Meridional y el océano Índico. El rumbo prioritario de la Ruta de la Seda Marítima del Siglo XXI radica en partir de los puertos del litoral chino y llegar al océano Índico pasando por el Mar del Sur de China, extendiéndose hasta Europa; de los puertos del litoral chino pasando por el Mar del Sur de China para llegar hasta el Pacífico Sur.

Según la dirección de “Una Franja y Una Ruta”, en tierra firme se apoya en la gran vía internacional, que cuenta con importantes ciudades centrales a lo largo de las rutas como puntos de apoyo y las zonas y parques prioritarios de economía, comercio e industria como plataformas de cooperación, para forjar corredores de cooperación económica internacional, entre otros, el nuevo Puente Continental Asia-Europa, China-Mongolia-Rusia, China-Asia Central-Asia Occidental, China-Península Indochina. Por mar, los puertos prioritarios constituyen los nodos que permiten construir mancomunadamente una gran vía de transporte fluida, segura, altamente eficaz. Los dos corredores económicos, el de China-Pakistán y el de Bangladesh-China-India-Myanmar, se enlazan estrechamente con el impulso de la construcción de “Una Franja y Una Ruta”. Es necesario promover más la cooperación para obtener mayores avances” (Comisión Nacional de Desarrollo y Reforma. Ministerio de Relaciones Exteriores. Ministerio de Comercio. (2015). Perspectivas y acciones para promover la construcción conjunta de la Franja Económica a lo largo de la Ruta de la Seda y de la Ruta de la Seda Marítima del Siglo XXI. Recuperado de <https://www.fmprc.gov.cn/esp/zxxx/t1252441.shtml> consultado 25/7/2021).

El financiamiento para infraestructura lo realiza el gobierno chino para promover el comercio global. Sin embargo, para la construcción de esa infraestructura se deben utilizar a las empresas estatales chinas financiadas por el gobierno chino a largo plazo aunque no sean rentables en algún tramo, lo que denota la importancia política, geopolítica y económica que se otorga a esta iniciativa, por ello,

“hay que recordar que el presidente Xi creó en 2014 un fondo dotado inicialmente con 40.000 millones de dólares para poner en marcha las infraestructuras necesarias para hacer realidad esa mayor y más rápida conectividad de China con el resto del mundo. A ese Fondo contribuyó al principio La Administración Estatal para el Intercambio Extranjero (65%), el Banco de Importación-Exportación de China (15%), la Corporación de Inversión China (15%) y el Banco Chino de Desarrollo (5%)” (Alonso, Antonio. (2017). Los intereses de China en Asia Central, belt and road. Madrid. Revista UNISCI. Número 45, octubre, pp. 71-72, recuperado de <https://www.redalyc.org/pdf/767/76754084004.pdf> consultado 20/7/2021).

La búsqueda de nuevos mercados para sus productos a través de las empresas estatales y no estatales, y las inversiones en otros continentes o inclusive en el asiático, muestra el creciente rol internacional de China:

“La iniciativa incluye seis rutas con varias ramificaciones y aprovecha infraestructuras ya existentes. El proyecto New Eurasia Land Bridge, también conocido como Segundo Puente de Eurasia, es una línea ferroviaria que parte de Lianyungang (en la provincia china de Jiangsu) y va hasta Alashankou (en Sinkiang) y de ahí a Rotterdam (Holanda); la parte china de esta línea une Lanzhou con Lianyungang y Lanzhou con Sinkiang. La provincia de Gansu creó en Lanzhou un Parque Internacional de Comercio y Logística, una especie de plataforma logística y distribución. Actualmente, 28 ciudades tienen líneas internacionales entre China y Europa. Hay que tener en cuenta la reducción considerable de tiempo de transporte que supuso la inauguración de la línea Lanzhou-Hamburgo en 2015, ya que redujo en 15 días la conexión entre ambas ciudades que antes se hacía por mar.

Abandonando China, esta vía pasa por Kazajistán, Rusia, Bielorrusia y Polonia, accediendo así a una buena cantidad de puertos europeos. Por esta vía férrea también circulan trenes de mercancías desde Chongqing hasta Duisburg (Alemania), desde Wuhan hasta Mělník y Pardubice (Chequia), desde Chengdu hasta Lodz (Polonia), y desde Zhengzhou hasta Hamburgo (Alemania). (...)

Las rutas que atraviesan por Kazajistán son principalmente tres²², en lo que los documentos chinos se conoce como Tren Transcontinental Eurasiático: la ruta norte, de unos 6.500 Km de longitud, que parte de Urumqui (China) y pasa por Alashankou-Dostyk (Kazajistán), por Kazán-Moscú-Brest (Rusia) y llega a los países de la UE; la ruta central, de unos 5.100 Km, con origen en la parte central de china y atraviesa Kirguistán, Uzbekistán, Turkmenistán, Azerbaiyán y Georgia para pasar de ahí a la Unión Europea; y la ruta del sur, que parte de la región de Sinkiang y pasa por Kirguistán, Uzbekistán, Turkmenistán e Irán para llegar a Turquía, en cuya ruta se incluye el corredor económico de Pakistán hasta el Puerto de Gwadar. A partir de Kazajistán, las tres rutas se expanden hasta Europa. No hay que perder de vista que los países centroasiáticos también han empezado a desarrollar vías de conexión dentro de sus propios países, de manera que por ejemplo Kazajistán (de un tamaño similar a cinco veces el de España o toda Europa Occidental) está inmerso en un plan de conexión

esteeste y norte-sur, así como Turkmenistán también está trabajando por convertirse en un centro de comunicaciones y transportes” (ibidem, pp. 72-73).

Son varios los motivos por los cuales nace esta iniciativa, incluyendo la propia dinámica del desarrollo económico chino que financia sus inversiones en el extranjero a través de por ejemplo, el Banco de Exportaciones-Importaciones (Eximbank), o el Banco de Desarrollo de China:

“1. La pretensión clara de convertirse en una superpotencia mundial que remodela el orden mundial y la dirección de su desarrollo futuro (muchos críticos la presentan como “otro Plan Marshall”); 2. Exportar la capacidad industrial excedente de China; 3. Un mecanismo de facilitación del comercio que mejora el papel de China en los principales mercados y convierte al yuan en una moneda mundial; 4. Una iniciativa de ordenamiento territorial y desarrollo de infraestructura para impulsar la economía de las regiones occidentales y nororientales pobres de China, potenciando así su papel en la cooperación internacional y reduciendo por lo tanto las desigualdades entre las provincias; 5. Interpretación “ambiental”: al igual que los países occidentales en el pasado, la sociedad china ya no tolera más destrucción ambiental y necesita deshacerse de las “tecnologías sucias” e importar recursos naturales; 6. Un paso importante para empoderar al liderazgo actual de China en su intento por consolidar un control autoritario absoluto a nivel nacional. Parte del “sueño chino” y la nueva Constitución. Resurgimiento de la ruta de la seda de la dinastía Tang; 7. La respuesta estratégica de China al llamado “giro de Estados Unidos hacia Asia” y la emergente asociación transpacífica [encarnada en el Acuerdo de Asociación Transpacífico (TPP)] –diseñada para forjar la esfera de influencia de China en determinadas áreas geográficas, incluida su presencia militar” (Simonov, Eugene & Withanage, Hemantha, Documento informativo sobre la Iniciativa de la Franja y la Ruta, op. cit., p. 8).

Esta iniciativa no está exenta de críticas como por ejemplo: la deuda externa que genera, la apropiación de energéticos (gas, petróleo), el impacto ambiental de esa explotación y de la construcción de infraestructura, la afectación de los derechos de las etnias, la dependencia en materia de seguridad que se puede generar por parte de los países con respecto a China, la explotación de la mano de obra, la dependencia financiera, y la disminución de la autonomía de los gobiernos. Los chinos pretenden obtener productos agrícolas, minerales y energéticos, a cambio de bienes de consumo, inversiones en infraestructura y bienes de capital.

En la actualidad, la República Popular China pretende una mayor conexión con Europa, a través de corredores marítimos y terrestres buscando una mayor preponderancia en el continente euroasiático, encontrándose en el medio, la zona de Asia Central, importante para el abastecimiento de recursos (energéticos principalmente) que China necesita y, también para mantener una mayor vigilancia en una zona caracterizada por el terrorismo y el extremismo religioso. De ahí que los países que conforman Asia Central, Kazajistán, Kirguistán, Tayikistán, Turkmenistán y Uzbekistán tengan una vinculación económica y geopolítica con la iniciativa china. Esto a pesar que Rusia, aún mantiene fuertes lazos con estos países.

Estos países que lograron la independencia de la Unión de Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), se convirtieron en repúblicas autoritarias bajo predominio al menos en la primera parte, de dirigentes del Partido Comunista. Sin embargo, esta región olvidada durante su período dentro de la URSS, ha adquirido importancia a partir de las necesidades mundiales de energéticos y de la importancia que le ha dado a la región, la iniciativa china de la Ruta de la Seda. También Estados Unidos, la Unión Europea, Japón y Turquía, han prestado más atención a la zona por motivos étnicos, políticos y económicos.

Pero China es quien ha estado trabajando desde hace décadas para acercarse a los gobiernos de la zona. En el caso de la relación entre China y Kazajistán, hay proyectos de construcción de ferrocarriles, terminales logísticas y otras obras. Con Kirguistán hay planes para aumentar la capacidad de transporte por carreteras, impulsar el ferrocarril y, continuar con el refinamiento de petróleo en la refinería Zhongda, que es manejada por la Empresa Petrolera Zhongda China, propiedad del grupo estatal Industria Química y Carbonífera de Shanxi, a través de la filial Compañía de Energía de Asia Central.

La relación con Tayikistán, está marcada por la cooperación en la parte económica y de seguridad, puesto que China ha construido puestos de control en la zona fronteriza con Afganistán, participando también de ejercicios militares conjuntos, construyendo los chinos (China National Petroleum Corporation) parte de un gasoducto que comunicará Turkmenistán, Uzbekistán, Tayikistán y Kirguistán. Turkmenistán tiene una relación de dependencia con China, en cuanto su principal exportación es el gas que se va incrementando con el correr de los años. Y por último Uzbekistán ha obtenido la construcción de ferrocarriles con capitales chinos, al mismo tiempo que se han firmado acuerdos comerciales, económicos, de inversión en infraestructura y de cooperación financiera, de ahí la presencia de empresas chinas en el país.

El acceso a los recursos petrolíferos y gasíferos del Mar Caspio ha sido uno de los motivos para que China fijara sus ojos en una zona que mantenía controversias entre los países ribereños, Azerbaiyán, Irán, Kazajistán, Rusia y Turkmenistán sobre el estatus jurídico del citado mar hasta el 2018, cuando los países firmaron un acuerdo que sintéticamente mencionaba lo siguiente:

“Mantiene el mar como una zona compartida entre los cinco países, 15 millas de aguas territoriales para cada país. Se adiciona una zona pesquera de diez millas, en la que cada Estado tiene derechos exclusivos para la pesca. Divide los fondos y recursos submarinos. No permite la presencia militar de países ajenos a la región del Caspio. Establece reglas de navegación, pesca, investigación científica y construcción de oleoductos. Los proyectos marinos deben tener en cuenta el impacto ambiental” (<https://www.telesurtv.net/news/mar-caspio-estatus-acuerdo-cinco-paises-20180812-0015.html> consultado 20/7/2021).

La estabilidad política en torno al Mar Caspio y sus recursos energéticos, es una fuente de valor importante para China. En cuanto a las reservas de petróleo y gas, Kazajistán posee importantes reservas, mientras que Turkmenistán y Uzbekistán tienen reservas de gas también, aunque en todos los casos no tienen tanta importancia como la que pueden tener países cercanos como Irán, o lejanos como la República Bolivariana de Venezuela. Si bien una parte importante de las exportaciones se dirige a Rusia, actualmente el peso de China en la región como importador es mayor, puesto que se han construido un oleoducto desde Kazajistán, un gasoducto desde Turkmenistán, otro desde Kazajistán, todos dirigidos hacia China.

En el valle de Fergana compartido por tres países, Uzbekistán oriental, Tayikistán septentrional y Kirguistán meridional, también se encuentran intereses chinos, ya sea por el petróleo, la producción agrícola (por ejemplo algodón), por el tránsito de mercancías y por las industrias que se dividen entre los tres países. La dificultad de la zona reside en la inestabilidad política entre esos países debido a los conflictos de las etnias que viven en un país que no es el suyo, a lo que se suma el Islam que es la religión predominante.

Si bien algunos favorecen la expansión y conformación de un estado islámico por métodos no violentos en sus discursos en las mezquitas, otros profesan el islamismo radical que favorece el terrorismo. Eso es conocido por China, por lo que su presencia en la zona también pretende estabilizar, o si no queda otra opción combatir al islamismo radical y, también el tráfico de drogas, cubriendo su flanco occidental, la región de Xinjiang.

También se encuentra presente la cuestión del agua, recurso de vital importancia para la población y la economía china de la región occidental, al mismo tiempo que para las ex repúblicas soviéticas. En la época de la URSS, el agua se distribuía equitativamente al estar todo centralizado, pero como es un bien escaso en la región, después de la desintegración soviética, los gobiernos han tenido conflictos diplomáticos, sobre ese recurso distribuido desigualmente entre los países y que se usa para hidroelectricidad, irrigación de campos y consumo humano: “En el territorio de Kirguistán y Tayikistán hay muchas reservas de aguas, mientras que en Uzbekistán, Turkmenistán y Kazajistán la situación es alarmante: en Kazajistán, el 40% de los recursos acuáticos proviene del extranjero; en Uzbekistán, el 77%, y en Turkmenistán, más del 90%” (Países postsoviéticos, en el umbral de una guerra en Asia Central. (2017). Sputnik News. Recuperado de <https://mundo.sputniknews.com/20170519/asia-paises-guerra-agua-1069288380.html> consultado 20/7/2021).

Pero también China está interesada en ese recurso. Esto ya le ha planteado problemas, por eso se le hace imprescindible un acuerdo con el resto de los países de

la zona: “En los últimos años, China ha desarrollado sus regiones noroccidentales. La economía de la región autónoma de Uigur de Sinkiang cada vez necesita más recursos acuáticos del río Irtysh – que corre entre Rusia, China y Kazajistán – y el río Ili – entre China y Kazajistán –, mientras que el nivel de agua de estos ríos va disminuyendo” (ibidem).

Las dificultades que se pueden presentar al proyecto económico y geopolítico chino, no provienen tanto de las amenazas o represalias de sus competidores, Estados Unidos y la Unión Europea, sino de la propia situación política de la zona. Si bien hay una relativa estabilidad producto de gobernantes autoritarios que tratan de manejar con puño de hierro sus países, no hay que olvidarse la amenaza del islamismo radical. Esto qué significa: es casi imposible proteger los miles de kilómetros de oleoductos, gasoductos, caminos, etcétera.

Los chinos piensan que su presencia es fundamental, no solo para evitar conflictos religiosos, sino también para frenar una presencia norteamericana fuerte, al mismo tiempo que les permite tener estabilidad en su propio país, en la zona limítrofe, y alcanzar el desarrollo económico de esa zona sin amenazas externas.

Asimismo, al ser un espacio estratégico natural para la conexión con Europa, la posibilidad de inestabilidad política por los separatismos, el terrorismo, el tráfico de drogas, el crimen organizado y la piratería, hacen de Asia Central una zona de alto valor geoestratégico ante Estados Unidos, India y Rusia, aunque éste último sea aliado de China en el grupo BRICS (Brasil, Rusia, India, China, Sudáfrica), pero que a veces se comporta como un competidor en una zona que tradicionalmente ha tenido la presencia rusa, especialmente en la época de la URSS.

3 COMENTARIOS FINALES

La iniciativa de la nueva Ruta de la Seda, proyecto lanzado en el 2013 por la República Popular China, está conformada por dos grandes ejes: uno terrestre y otro marítimo, que involucra más de un continente, aumentando la influencia de China en lo económico, lo político, lo cultural y lo ambiental. Las inversiones de las empresas estatales chinas se están dando en el sudeste asiático, el este de África, el Océano Pacífico, el Océano Índico y Europa. Con respecto a ésta última zona, Asia central cumple un papel fundamental de intermediario, y a la vez de productor y exportador de energéticos para abastecer el mercado interno chino.

Asimismo este proyecto puede extenderse a América Latina y el Caribe donde varios países han adherido. Por lo menos hasta el 2019, eran Panamá, Uruguay, Ecuador, Venezuela, Chile, Bolivia, Costa Rica, Cuba y Perú. El proyecto no carece de

cuestionamientos como en la parte ambiental (destrucción de suelos y flora y fauna salvaje), o la parte económica, incremento de la deuda externa de países débiles que se ven forzados a ser dependientes de China, perdiendo su autonomía.

Pero volviendo a Asia Central, la estabilidad de los gobiernos de la zona es fundamental para el proyecto chino. Y en eso están de acuerdo tanto Rusia como China, que tienen un modo de manejar su política exterior bastante similar, vinculada también por cómo manejan su propia política interna. Los países de Asia Central no se caracterizan precisamente por su vocación democrática, pero tratan de otorgar estabilidad política, algo necesario para que fluyan las inversiones chinas que necesitan para el desarrollo económico, el combate contra el desempleo y la pobreza, caldo de cultivo para el reclutamiento de voluntarios para organizaciones terroristas o separatistas.

Para concluir, se puede decir, que China tiene los siguientes objetivos en Asia Central: salvaguardar su seguridad económica y militar en la zona; avanzar con la protección de oleoductos y gasoductos por posibles ataques terroristas o separatistas para garantizar el abastecimiento de petróleo y gas; vigilar y controlar mejor su frontera occidental; asegurar un mercado para sus productos manufacturados y para las inversiones en infraestructura; penetrar en la zona para evitar la injerencia de Estados Unidos y de la Unión Europea; mostrar que ejerce un poder “blando” (soft power) en el escenario internacional en contraposición con los estadounidenses.

BIBLIOGRAFÍA

Alonso, Antonio. (2017). Los intereses de China en Asia Central, belt and road. Revista UNISCI. Madrid. Número 45, octubre, pp. 67-84, recuperado de <https://www.redalyc.org/pdf/767/76754084004.pdf>

http://eng.sectesco.org/about_sco/

<https://www.bbvaopenmind.com/tecnologia/innovacion/la-ruta-de-la-seda-la-via-para-el-intercambio-tecnologico-que-configuro-el-mundo-moderno/>

https://www.fmprc.gov.cn/mfa_eng/topics_665678/xjpfwzysiesgjtfhshzzfh_665686/t1076334.shtml

Comisión Nacional de Desarrollo y Reforma. Ministerio de Relaciones Exteriores. Ministerio de Comercio. (2015). Perspectivas y acciones para promover la construcción conjunta de la Franja Económica a lo largo de la Ruta de la Seda y de la Ruta de la Seda Marítima del Siglo XXI, recuperado de <https://www.fmprc.gov.cn/esp/zxxx/t1252441.shtml>

<https://www.telesurtv.net/news/mar-caspio-estatus-acuerdo-cinco-paises-20180812-0015.html>

Klare, Michael. (2008). Planeta sediento. Recursos menguantes. La nueva geopolítica de la energía. Barcelona. Ediciones Urano.

Klare, Michael. (2006). Sangre y petróleo. Peligros y consecuencias de la dependencia del crudo. Barcelona. Ediciones Urano.

Lascurain Fernández, Mauricio. (2017). El papel geoestratégico de Asia Central. Foro Internacional. México. Vol. LVII, 2 (228) Abril-Junio, pp. 389-421, recuperado de <https://forointernacional.colmex.mx/index.php/fi/article/view/2431/2375>

Luchetti, Javier (2021). China y Asia Central: una relación económica y geopolítica. XXIII Encuentro Internacional Humboldt La cuestión China. Florianópolis, Brasil. 20 al 24 de septiembre.

Ordoqui, Ramiro. (2019). La Ruta de la Seda en Asia Central, cientos de años después. En, Staiano, María, Bogado Bordazar, Laura y, Caubet, Matías. (Compiladores). China: una nueva estrategia geopolítica global (la iniciativa la franja y la ruta). La Plata. Universidad Nacional de La Plata, Facultad de Ciencias Jurídicas y Sociales, pp. 35-44, recuperado de <https://www.iri.edu.ar/wp-content/uploads/2019/05/libroRutaDeLaSeda2019notas1.pdf>

Países postsoviéticos, en el umbral de una guerra en Asia Central. (2017). Sputnik News. Recuperado de <https://mundo.sputniknews.com/20170519/asia-paises-guerra-agua-1069288380.html>

Rubbi, Lautaro, Mercado Gutiérrez, Lucas. (2019). El ascenso de China en Asia Central y su relación con Rusia. Un análisis desde las iniciativas multilaterales (2013-2018). Colección. Buenos Aires. Vol. 30, No 2, mayo-octubre, pp. 219-254, recuperado de <https://revistas.uca.edu.ar/index.php/COLEC/article/view/1841/2069>

Simonov, Eugene & Withanage, Hemantha. (2020). Documento informativo sobre la Iniciativa de la Franja y la Ruta. Ámsterdam. Friends of the Earth Asia Pacific, pp. 1-28, recuperado de <https://www.foei.org/wp-content/uploads/2020/10/foe-belt-and-road-briefing-ES-WEB.pdf>

Tzili-Apango, Eduardo, Palacios-Cabrera, Eduardo. (2018). El multilateralismo reactivo en el Asia Central ante China y Rusia. Foro Internacional. México. (FI) 233, LVIII, (3), pp. 459-492, recuperado de <https://forointernacional.colmex.mx/index.php/fi/article/view/2463/2482>

Vidal Lij, Macarena. (2018). La Nueva Ruta de la Seda, el gran plan estratégico de China. Diario El País. Madrid. Recuperado de https://elpais.com/economia/2018/11/30/actualidad/1543600537_893651.html

SOBRE OS ORGANIZADORES

Jorge Rodrigues é economista. Licenciado, mestre e doutor em Gestão (ISCTE-IUL), com Agregação (UEuropeia). Mestre e pós-doutorado em Sociologia – ramo sociologia económica das organizações (FCSH NOVA). Professor coordenador com agregação no ISCAL – *Lisbon Accounting and Business School* / Instituto Politécnico de Lisboa, Portugal. Exerceu funções de direção em gestão (planeamento, marketing, comercial, finanças) no setor privado, público e cooperativo. É investigador integrado no Instituto Jurídico Portucalense. Ensina e publica nas áreas de empresa familiar e família empresária, estratégia e finanças empresariais, gestão global, governabilidade organizacional, marketing, planeamento e controlo de gestão, responsabilidade social e ética das organizações.

Maria Amélia Marques, Doutora em Sociologia Económica das Organizações (ISEG/ULisboa), Mestre em Sistemas sócio-organizacionais da atividade económica - Sociologia da Empresa (ISEG/ULisboa), Licenciada (FPCE/UCoimbra), Professora Coordenadora no Departamento de Comportamento Organizacional e Gestão de Recursos Humanos (DCOGRH) da Escola Superior de Ciências Empresariais, do Instituto Politécnico de Setúbal (ESCE/IPS), Portugal. Membro efetivo do CICE/IPS – Centro Interdisciplinar em Ciências Empresariais da ESCE/IPS. Membro e Chairman (desde 2019 da ISO-TC260 HRM Portugal. Tem várias publicações sobre a problemática da gestão de recursos humanos, a conciliação da vida pessoal, familiar e profissional, os novos modelos de organização do trabalho, as motivações e expectativas dos estudantes Erasmus e a configuração e dinâmica das empresas familiares. Pertence a vários grupos de trabalho nas suas áreas de interesses.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise Discriminante 229, 230, 231, 234, 235, 236, 241, 243

Arte 86, 100, 101, 147

Asia Central 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119

B

Brecha de género 166, 173

C

Caída del Nivel de Mortalidad 35

Case studies 69, 120, 277, 280, 284, 285

China 9, 10, 39, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 151, 165, 246, 264, 280, 281, 283, 287

Clave 1, 25, 26, 35, 52, 87, 107, 111, 147, 166, 189, 190, 198, 199, 217, 289

Comunicação 73, 77, 79, 80, 81, 212, 247, 248, 256, 257

Confinamiento 1, 2, 3, 4, 5, 6, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 19, 21, 23, 26, 28

Consumo 23, 101, 114, 116, 170, 171, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 256, 257

Continuidade 230, 239, 241, 244, 246, 253

COVID-19 1, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 18, 20, 21, 22, 23, 27, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 67, 127, 137, 258, 263, 264, 265, 271, 272, 273, 274, 277, 289, 293, 294, 298, 299, 300

Covid-19 crisis 258, 264, 273

Criação 100, 101, 102, 103, 104, 231, 237

D

Decisiones de inversión 176

Democracia 83, 85, 87, 88, 91, 92, 98

Desarrollo 8, 36, 44, 53, 57, 63, 67, 85, 90, 93, 111, 112, 114, 117, 118, 139, 140, 141, 142, 148, 150, 151, 152, 154, 164, 166, 167, 169, 171, 172, 173, 177, 180, 183, 202

Design 120, 121, 122, 123, 124, 128, 129, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 213, 215, 216, 276, 279, 280, 284

Design de país 204, 205

Digitalization 258, 259, 263, 264, 265, 266, 271, 272, 275, 283, 285

Discursos 83, 84, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 96, 97, 116

E

Economía 5, 6, 36, 49, 50, 90, 96, 107, 109, 112, 114, 116, 117, 142, 148, 166, 168, 171, 172, 173, 174, 188, 229, 258

Economic policy 288, 289, 290, 291, 292, 293, 298, 299, 300, 301, 302

Energia eólica 204, 205, 210, 214, 215

Enfermagem 69, 70, 71, 80, 81, 82

Enfermagem Familiar 69

Espacio público 10, 139, 140

Esperanza de Vida al Nacer 35, 41, 44, 47, 48

Estudo de caso 69, 71

Etnografía 4, 5, 27, 28, 147, 150, 155, 164

European Cultures 120

Excitação psicótica 29

Experiential Retail 276

F

Falência 229, 230, 231, 232, 233, 234, 236, 241, 243, 244, 245, 246

Feminismo 68, 166, 167

FinTech 258, 259, 263, 264, 265, 266, 269, 271, 272, 273, 274

Flujos de caja 175, 176, 177, 179, 180, 181, 182, 183, 187

G

Geopolítica 107, 110, 113, 114, 118, 119

Global change 120, 124

Gota 29, 30, 31

H

Horizonte de evaluación 176, 178, 179, 186

Humano 100, 101, 102, 105, 106, 116, 247, 248, 250, 256

I

Imagen urbana 139, 140

Inmigrante 139, 140, 142, 146

Interaction design 276, 279, 280

Inveja 247, 248, 249, 250, 251, 252, 254, 256, 257

J

Juventudes 1, 3, 7, 9, 18, 26, 28

L

Lítio 29, 30, 31, 32, 33, 34

M

Mania 29, 30, 31, 32, 33

Microturbinas 204, 205, 206, 207, 208, 210, 211, 212, 213, 214

Mobile Banking 258, 259, 260, 261, 262, 263, 265, 266, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275

Mobile Payments 258, 263, 265, 266, 268, 270, 272, 273, 274

Modelos de assistência à saúde 69

Mujeres 2, 35, 39, 42, 43, 44, 45, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 64, 65, 66, 67, 68, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174

N

Natureza 100, 101, 235, 238, 248

Nivel de mortalidad 35

NLFSR 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 198, 202

O

Omnichannel 276, 278, 286

P

Pandemia 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 13, 18, 20, 21, 24, 26, 27, 28, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 44, 45, 46, 47, 48, 67, 74, 81

Parâmetros de projeto 204, 208

Patrimonio 52, 139, 140, 146, 184

Paz 56, 83, 84, 85, 86, 87, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 109, 251, 253

Pensamento 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 249

Período 2, 3, 4, 8, 11, 12, 21, 25, 26, 33, 36, 37, 45, 84, 88, 115, 141, 144, 145, 167, 172, 177, 178, 179, 180, 183, 189, 190, 193, 202, 239

Poder 10, 13, 17, 18, 19, 20, 23, 24, 26, 48, 51, 52, 53, 54, 55, 74, 78, 83, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 96, 98, 107, 118, 147, 150, 151, 154, 159, 161, 162, 163, 164, 166, 168, 170, 233, 238, 248

Polinomio homogéneo 217

Polinomio primitivo 189, 190

Política 9, 27, 40, 83, 85, 87, 88, 90, 96, 97, 98, 99, 101, 107, 108, 109, 113, 116, 117, 118, 148, 160, 168, 178, 288, 289
Precarização 166
Previsão 230, 231, 233, 234, 235, 236, 238, 241, 242, 244, 245, 246
Proyectos de inversión 175, 176, 187
Pruebas de aleatoriedad 189, 190, 202
Publicidade 247, 248, 252, 256

R

Retail Design 276, 279
Retórica 147, 150, 160, 161, 162

S

Scoring 229, 230, 241, 242, 243, 245, 246
Sección normal 217
Secuencia binaria 189
Shopping experience 276, 278, 279, 280, 283, 284, 285
SINADEF 35, 36, 38, 40, 41
Sistema carcelario 147, 148, 151
Sistema jurídico 147, 148, 154, 161

T

Tortura 147, 149, 153, 154, 157, 159, 162
Trabajo doméstico 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174
Transitions design 120

U

Uncertainty 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302
Unemployment 288, 289, 290, 291, 292, 295, 296, 297, 298, 300, 302
United States 107, 108, 165, 288, 289, 290, 292, 293, 294, 298, 300

V

Valores críticos 217, 218, 219, 220, 222, 225, 228
Vector autoregressive model 288
Victimas 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 64, 65, 66, 67, 68, 83, 90, 92, 95, 96, 149, 150, 155, 162
Violencia intrafamiliar 50, 51, 53, 54, 55, 56, 61, 65, 66